

PSDB não apóia Collor e tende a ficar com esquerda

Franklin Martins

O candidato do PRN, Fernando Collor de Melo, não terá, em hipótese alguma, o apoio do PSDB no segundo turno. Os **tucanos** têm uma maratona de reuniões pela frente esta semana para definir a posição oficial do partido, começando com um encontro da executiva na 3ª feira, passando por uma reunião das bancadas na Câmara e no Senado na quinta, e culminando com uma decisão do diretório nacional, no sábado. Mas a tendência do partido, apesar de todas as divergências internas, é apoiar formalmente o candidato da esquerda que passar para o segundo turno, seja Lula ou seja Brizola.

“Não podemos cair no segundo turno naquilo que criticamos em outros candidatos durante o primeiro turno: a omissão”, fulminou Mário Covas, durante uma das reuniões realizadas pela cúpula dos **tucanos** depois de abertas as urnas, quando algumas lideranças defenderam uma posição de neutralidade do partido no embate entre Collor e a esquerda. Covas deixou claro que obedecerá à decisão do partido, mas não vê outra saída coerente para o PSDB senão fechar com Lula ou Brizola no segundo turno.

Nas bases do partido, a reação é a mesma. O comitê central da campanha de Covas e o diretório regional de São Paulo receberam centenas de telefonemas de militantes irritados com os boatos de que a direção do PSDB admitia a possibilidade de apoiar Collor nas eleições de 17 de dezembro. Muitos **tucanos** ameaçavam rasgar suas fichas de filiação partidária se a direção, em vez de aliar-se à esquerda no segundo turno, preferisse Collor ou ficasse em cima do muro.

A firme atitude de Covas e as pressões das bases esbarram nas dificuldades de vários dirigentes do PSDB para apoiar Lula ou Brizola. O governador do Ceará, Tasso Jereissati, que chegou a namorar abertamente Collor até agosto, antes de se decidir pelo apoio a Covas, não se imagina num palanque com Lula e enfrenta no seu estado, o Ceará, um PDT aguerrido e forte em Fortaleza, onde Brizola foi o primeiro colocado.

O senador Fernando Henrique Cardoso, que Collor não se cansa de cortejar e gostaria de ver em seu ministério, caso seja eleito presidente, tampouco quer marchar com a esquerda, embora garanta que não pensa que o partido deva se inclinar na direção do candidato do PRN.

Já o senador José Richa definiu sua posição numa frase dita em Curitiba, na quinta-feira, pouco antes de embarcar para São Paulo num jatinho ao lado do presidente do Bamerindus, José Eduardo Andrade Vieira, que apoiou Collor e está cotado para integrar um eventual ministério do candidato do PRN:

— Nem Collor, nem Lula, Brizola, talvez.

Tasso, Fernando Henrique e Richa, ao preferirem a neutralidade, não respondem apenas a conveniências regionais.

Expressam também o temor de que a definição clara e aberta por um candidato no segundo turno, que será marcado por um confronto ideológico agudo, leve os **tucanos** a verem murchar o expressivo eleitorado de classe média conquistado pelo partido no último dia 15, que eles acreditam que não marchará unido para nenhum dos lados.

Se prevalecer nas reuniões da cúpula do PSDB, como tudo indica, a alternativa de cerrar fileiras com a esquerda no segundo turno, provavelmente isso não implicará numa ordem para que todos os líderes dos **tucanos** subam nos palanques da esquerda. O partido dará apoio formal a Lula ou Brizola, mas não exigirá dos que preferiam a neutralidade um engajamento ostensivo na campanha do segundo turno.

Além disso, o PSDB vai deixar claro que não pretende participar de um governo de esquerda, caso Collor seja derrotado, e conduzirá todas as negociações apenas em cima de questões programáticas, como parlamentarismo, dívida externa, dívida interna, fim dos cartórios na economia etc. “Numa coisa nós não vamos cair: no estilo do é dando que se recebe”, garantiu um dos principais assessores de Covas.